

MINHA participação no movimento modernista, disse-nos Rodrigo M. F. de Andrade, se é que de fato se pode dar o nome de participação à minha atividade literária naquele tempo, foi decorrente da amizade que me prendia a elementos de importante atuação do movimento. Dentre eles, destaco três nomes: Prudente de Moraes, neto, Sérgio Buarque de Holanda e Afonso Arinos de Melo Franco.

Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, desde a fundação desse órgão (inicialmente Serviço) é uma das figuras principais da sua geração. Seu livro de contos, *Verlórios*, pode ser considerado a mais notável contribuição, no gênero, dada por escritores contemporâneos. Entretanto, o interesse pela conservação do nosso patrimônio artístico, ao abandono e ameaçado de perecimento, convocou-o inteiramente. E, hoje, Rodrigo já quase não escreve, a não ser estudos relacionados com a sua atividade. Além dos contos, e da imensa influência pessoal que exerceu sobre numerosos amigos, o escritor mineiro é autor de uma *Ode pessimista*, um poema característico do Modernismo.

Trigésimo Aniversário da Semana de Arte Moderna

RODRIGO M. F. DE ANDRADE RECORDA UM MANIFESTO QUE SÉRGIO BUARQUE PERDEU

Prosseguindo suas declarações, disse:

— Da Semana propriamente dita não guardo sequer uma lembrança, pois do acontecimento, em São Paulo, somente tive notícias algum tempo depois. O que não significa, desinteresse pelo movimento. Sempre olhei com a maior simpatia o modernismo e as suas atividades, antes de chegar a participar, o que aconteceu, efetivamente, com o aparecimento da revista "Estética", onde colaborei, a pedido de seus diretores, e porventura suprimindo a falta de Afonso Arinos que naquela ocasião estava ausente do Brasil.

A "ODE PESSIMISTA"

Indagamos a Rodrigo Melo Franco de Andrade qual a sua colaboração para "Estética". Disse-nos ele:

— Creio que a minha primeira colaboração foi uma nota crítica a respeito de um folheto que Graça Aranha publicara, intitulado "O

O Depoimento do Autor da "Ode Pessimista" — A Importância da Revista do Brasil, Como Órgão do Movimento — As Diversas Tendências — O "Otimismo Alvar" de Graça Aranha — Participação Por Amizade

espírito moderno". Não lembro, com minúcias, do artigo; sei que era bastante restritivo, em suas linhas gerais.

Depois escreve a "Ode pessimista", especialmente para a "Estética".

A motivação da "Ode", — diz

Rodrigo M. F. de Andrade, como de alguns outros poemas que escrevi na época e que logo depois destruí, foi uma tentativa de satirizar a *alegria alvar* da filosofia de Graça Aranha. A "Ode", além de corresponder à minha natural maneira de ser, é um poema essencialmente satírico. Eis porque causou-me estranheza a surpresa de Mário de Andrade diante de uma certa e nova "modalidade ro-

mântica" contida no poema, conforme ele confessou em carta ao Prudente.

Não se conclua, entretanto, de tal posição satírica, que não tivesse eu aprêço pela obra e pela figura humana de Graça Aranha. Desde menino, era admirador de Graça, com quem mantive, durante muito tempo, a mais afetiva amizade. Recordo-me de que, aos 15 anos de idade, ganhei um exemplar do "Canaã" dedicado pelo autor, fato que muito me entusiasmou.

Acontece, por outro lado, que tive sempre a maior simpatia pelo movimento, nitidamente necessário, uma vez que vinha alterar, dar um novo sentido aquilo que era, a toda evidência, uma pasmaceira.

E logo fui atraído pela extravagância lírica de alguns poemas de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, etc. A respeito de Manuel Bandeira, devo esclarecer que nossas relações são anteriores à Semana e sempre acompanhei de perto a carreira literária deste grande poeta.

A REVISTA DO BRASIL

Rodrigo M. F. de Andrade fala em seguida sobre um tópico que tem sido esquecido por quantos têm se referido à história do movimento modernista no Brasil e que, indubitavelmente, não pode ser pôsto à margem, por sua real importância: a Revista do Brasil, em sua segunda fase.

— Depois de minha colaboração na "Estética" — diz o nosso entrevistado — é que tive uma parte mais ativa no movimento, quando o Chateaubriand comprou a "Revista do Brasil" e confiou a sua direção a historiadores, homens de letras, entre os quais Afrânio Peixoto e Plínio Barreto. Sendo eu

naquele tempo jornalista, fui convidado para exercer o cargo de redator-chefe. Ora, já muito mais informado e, sobretudo, mais interessado no movimento, converti a Revista do Brasil num órgão do modernismo, ou pelo, menos, de uma das correntes modernistas. Digamos que constituíamos a quarta corrente, pois as outras três eram representadas, uma pelo grupo do Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato Almeida, etc.; outra, a do grupo verde-amarelo — Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti del Pichia —; e outra, um grupo de certa tendência esteticista, representado pelo Guilherme de Almeida.

Convoquei os amigos para colaborar na revista. Alcântara Machado fez crítica de teatro, por sinal uma de suas grandes vocações; Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes, e outros. Foi um momento de "virada" do movimento modernista. Sérgio Buarque de Holanda publicou um artigo, sob o título "O lado oposto e os outros lados", que era realmente uma tomada de posição, definindo os motivos de antagonismo entre os escritores das mais diversas tendências e correntes (subescolas), consequentes à

(Conclui na 6.ª página)